

AVATARES DA IDENTIDADE FEMININA*

Maria Lygia QUARTIM DE MORAES**

RESUMO: Este projeto nasceu da vontade de seguir adiante, de pesquisar no sentido o mais literal da palavra, de propor como objeto de estudo e reflexão novos e/ou pouco analisados aspectos das relações familiares e da construção de uma identidade "masculina" ou "feminina" na vida cotidiana. Estimulada pela presença de perspectivas análogas e de toda uma florescente literatura sobre práticas e representações relativas à estruturação da identidade feminina através de festas; dos momentos de ruptura e de perda, etc., esta pesquisa procura introduzir também o discurso dos homens e a fala das crianças no espaço das relações familiares.

UNITERMOS: Identidade feminina; relação de gêneros; questão étnica; classes sociais.

INTRODUÇÃO

A satisfação das exigências vitais, relacionadas à produção da própria subsistência e à reprodução biológica, serve de base a uma infinidade de arranjos. Entre o modelo dominante de família (forma de organização da vida doméstica a partir de pessoas aparentadas que apresenta a maior incidência estatística) e o modelo ideológico (a família idealizada como "papai, mamãe e seus filhinhos morando na mesma casa") existe uma enorme heterogeneidade de relações, valores, práticas, aspirações, nível de consumo, etc.

A pesquisa de Sarti (11) sobre o cotidiano feminino como "lugar dos outros" revela como o espaço feminino – a casa – é o da reprodução, regido pelas necessidades e "tempos" dos outros (marido, filhos). Já o estudo de Brito e Machado Neto (4) sobre o tempo de trabalho da mulher como "natural", em pesquisas realizadas com mulheres proletárias de Salvador, apontava esta essencial presença do "outro" na organização do tempo da mulher no cotidiano familiar. As pesquisadas de Sarti são moradoras de periferia de São Paulo e revelam, através dos depoimentos sucessivos, o espaço (aqui entendido

* Trabalho apresentado ao GT "Família e Sociedade" na XIIª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS – Águas de São Pedro, SP, outubro 88.

** Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

como atribuições, direitos e deveres dentro da esfera doméstica) das crianças de ambos os sexos, do marido e da mulher em cada situação concreta. Também Bruschini e Cavasin (5) estudam o cotidiano de famílias urbanas através do trabalho doméstico, da distribuição de papéis e do uso do tempo, em famílias de diversos segmentos sociais, em São Paulo, observando as variadas formas de divisão de tarefas entre homens e mulheres e os “variados arranjos na rotina das casas”.

Unidades habitacionais; espaço da reprodução de parte de nossa força de trabalho; espaço de reprodução biológica, essas são algumas das esferas do lar familiar. Sob um mesmo teto – que pode ser o sapé ou o cimento armado – um determinado número de pessoas, ligadas por laços de parentesco, comem e dormem, ao mesmo tempo que sonham, sofrem, amam e odeiam. Trata-se justamente de sublinhar a ambivalência do universo familiar, onde as necessidades vitais são (in) satisfeitas a partir de relações pessoais em que as emoções contam decisivamente. O homem pode ser o pai, o filho sobre o qual depositam-se esperanças de melhoria de vida; o marido com quem se compartilha da intimidade conjugal, o pai dos filhos com o qual se divide (ou não) o encargo e o cuidado dos filhos comuns. Podem ser figuras ternas ou autoritárias, respeitosos do controle feminino na esfera da casa ou co-responsáveis. O ser pai, ser mãe, ser filho ou ser filha pode significar situações e vivências muito diferentes. O filho pode ser o herdeiro tão sonhado ou aquele que é “uma boca a mais”. As relações familiares estão carregadas de sentidos, plenas de evocações simbólicas, de pequenas estratégias, de fios invisíveis.

Tornou-se célebre a frase de Simone de Beauvoir: ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Definida como o Outro (= o Diverso) por aquele que se instituiu o Um (= o Modelo), a Mulher simbolizou sempre a Falta, a Carência, ao menos na mitologia que toma o homem como o Completo. Esta alteridade desvalorizada – a mulher definida socialmente por seu papel na reprodução e este servindo de “base material” à sua desvalorização enquanto membro da sociedade – ao mesmo tempo que muito denunciada acabou se transformando em perigosa armadilha. Para se negar a desvalorização começou a se negar a própria diferença naquilo que ela tem de mais inegável: a diferença de papéis no ato reprodutivo. Assim, Firestone, no conhecido livro *A dialética dos Sexos*, termina por propor o fim das diferenças entre os sexos a partir da conquista do bebê de proveta. De Beauvoir, em seguidas entrevistas, execrou a maternidade como uma das mais detestáveis relações entre pessoas. Criticou, em entrevista concedida a Alice Jardine, a escritora Anais Nin por querer ser “feminina” e não “feminista” e por se apaixonar por homens sem expressão social...*

A maternidade, como a infância, o casamento ou a primeira comunhão podem ter sido vivenciadas como momentos especialmente prazerosos ou, então, como experiências

* No texto original: “... naturally I recognize that she (Anais Nin) has some talent, and that from time to time she evokes some powerful things. She shows an occasional grace in writing, but her work is quite foreign to me, precisely because she wants so much to be feminine and not feminist. And then she is so gaga before so many men. She talks about men I know in France, men who were less than nothing, and she considers them kings, extraordinary people” (2).

destrutivas, ameaçadoras, traumatizantes. A representação de infância de uma criança pobre de Itapuã, acostumada desde sempre a compartilhar, a colaborar decididamente no cotidiano familiar, é muito distante da realidade urbana do filho de classe média paulista. Esta é uma típica observação de lugar-comum mas com o mérito de enfatizar a diversidade das experiências e das representações, conforme as características dos objetos e estímulos colocados à disposição da nova geração. Alguns brincam com vídeo game, outros ainda estão trepando em árvores, andando a cavalo, pescando. Alguns não conheceram qualquer forma de segurança material, outros sempre viveram no luxo. Além dessas diferentes maneiras de se estar no mundo, outras experiências muito essenciais, referidas a categorias cognitivo-afetivas, vão estruturando padrões de afetividade, moldando “personalidades”.

Ninguém nasce homem, torna-se. Ninguém nasce sádico, nem masoquista. A questão reside justamente em dar conta do “tornar-se”, entendido como originário de uma relação “estruturante” (a relação do *infans* com o universo simbólico através dos adultos que o cuidam). A primeira imagem da mulher (=Mãe); a primeira imagem de homem (=Pai). Uma situação de dependência completa em que o segredo está em decifrar as regras do jogo (o código social) através destes primeiros professores. Como obter prazer e fugir do desprazer é a lógica do *infans*, que manifesta corporalmente seus humores até aprender a nomear segundo a linguagem de sua “família”. A virgem Maria dessexualizou a maternidade, transformando-a numa tragédia da perda do filho. Jocasta conheceu Édipo... Duas imagens de maternidade. O que simbolizam senão diferentes concepções históricas de “maternidade?”*

O tornar-se homem ou mulher, em outras palavras, o tornar-se para si mesmo e para os outros um homem ou uma mulher, é um processo que constitui nossa história de vida neste mundo. Inaugura-se, por assim dizer, com a entrada no universo simbólico do qual a mãe é o porta-voz.** A entrada no universo humano, portanto, constitui necessariamente uma entrada no universo simbólico. Pois quando a boca encontra o seio

* Anais Nin (8) em seu *Journal* fala que o amor pelos filhos é uma forma de amor a si próprio, Bleichmar (3) fala da melancolia característica de indivíduos vítimas de uma desvalorização crônica, como no caso de uma adolescente filha de mãe solteira para quem era a marca viva de sua desonra. Freud termina o ensaio “Uma Recordação Infantil” de Goethe afirmando “... já dissemos em outro lugar que quando alguém foi o favorito indiscutível de sua mãe, conserva através de toda a vida aquela segurança conquistadora, aquela confiança no êxito (...). Assim, de Goethe poderia ter iniciado sua biografia com uma observação como esta: “Toda minha força tem sua raiz em minha relação com minha mãe” (6).

** “... no nosso sistema cultural, a mãe possui o privilégio de ser para o *infans* o enunciador e o medidor privilegiado do “discurso ambiente”. De uma forma pré-digerida e pré-moldada pela sua própria psique, ela transmite as injunções, as interdições deste discurso e indica os limites do possível e do ilícito. É por estas razões que a mãe será chamada porta-voz, termo que indica adequadamente o que é o fundamento de sua relação com a criança (Aulagnier, 1: 35). Mas seria ingênuo imaginar que a porta-voz produzisse um discurso autônomo. A ordem que rege os enunciados da voz materna nada tem de “aleatório”, e revela a sujeição do Eu que fala a três condições: o sistema de parentesco, a estrutura lingüística e os efeitos que exercem sobre o discurso os afetos operando sobre a outra coisa” (Aulagnier, 1: 36).

bém encontrando – e absorvendo – “um primeiro gole do mundo. Afeto, sentido e cultura estão co-presentes e são responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite que o *infans* toma. A oferta alimentar se acompanha sempre da absorção de um alimento psíquico, que a mãe interpretará como absorção de uma oferta de sentido” (Aulagnier, 1: 40).

BELEZAS E MISÉRIAS DE ITAPUÃ

“Coqueiros de Itapuã

Coqueiros.

Areias de Itapuã

Areias”

(Dorival Caymmi)

Salvador, onde se localiza Itapuã, palco de nosso estudo, tem 2,5 milhões de habitantes e é a mais famosa metrópole do Nordeste. Primeira capital do País, sede do período colonial, rica em cacau, cana-de-açúcar e tabaco. A mais “antilhana” das cidades brasileiras. A presença africana é visível na comida, nas roupas, na musicalidade, na sensualidade, na cor e porte das pessoas.

Itapuã, subúrbio praieiro de Salvador, consagrado por sua especial beleza plástica, também tem uma pobreza que se esconde por trás do sol, dos acarajés, das moquecas, atabaques, orixás e santos. A maior parte da população vive em imensas favelas que não recebem qualquer serviço básico. É um bairro de “invasões”, com muitas moradias de madeira ou sopapo, sem forro, piso de cimento e com dois cômodos. Terrenos “invadidos” e auto-construção. A água, nas “invasões”, é obtida através de cisternas. Não há escoamento sanitário e o mais comum é que se utilize o quintal ou a rua para atirar detritos.

Itapuã dista cerca de 30 quilômetros do centro de Salvador e, até quatro décadas passadas, era um bairro de “veranistas” (casas de férias) e de pescadores que cresceu muito em termos residenciais, em decorrência da facilidade de se encontrar moradia mais barata e da vida mais simples. As atuais condições do bairro estimulam o comércio ambulante e a presença de uma população de alta renda, que é cada vez mais marcante, abre possibilidades de trabalho para pedreiros, pintores, vendedores de alimentos e miudezas.

Grande parte da população vive do pequeno comércio: são as minúsculas “vendas” que sobrevivem graças ao trabalho familiar. O homem encarregado da compra por atacado e a mulher e as crianças das vendas ao público. Quando os homens “saem” para suas atividades fora do lar, as mulheres cuidam da casa, exercendo o trabalho doméstico para si e para os outros. Os homens dedicam-se ao comércio na feira, realizada aos sábados, venda de coco, cigarros, bebidas, serviços de mecânica, construção civil. As mulheres de Itapuã, secundadas pelos filhos, vivem de ocupações domésticas, fazem faxina, lavam roupa e ainda são “baianas”, vendedoras de acarajé, cocadas, peixes fritos e outros quitutes

que a divisão social do trabalho, nas praias de Salvador, determinou serem afazeres femininos. Ao pé de cada “barraca” – toscas mesas e banquinhos com cobertura de palhas de coqueiro – são vendidas as bebidas pelos barraqueiros, homens.

Os serviços públicos são escassos e deficientes. Existem seis escolas ligadas à rede estadual de ensino; dois postos de saúde funcionando precariamente, obrigando a população a buscar como solução médicos particulares e, principalmente, a chamada “medicina paralela” realizada por pais de santo, curandeiros, parteiras e centros espíritas. A população está acostumada com os “banhos” e “trabalhos” cujos preços são mais acessíveis do que a medicina legal.

As pessoas de Itapuã reúnem-se tradicionalmente. A Associação de Bairro, antes com o nome de Sociedade Amigos de Itapuã, é revivida hoje com o nome de Associação dos Moradores de Itapuã, o que configura um caráter de maior permanência – vale dizer, a passagem de um bairro “de veraneio” para bairro residencial e comercial. Há ainda a Associação dos Feirantes, dos Pescadores, o Clube do Dominó, o Clube dos Coroas, etc. Algumas representações carnavalescas, o bloco de carnaval e os afoxés aglomeram pessoas em atividades recreativas durante todo o ano. Fevereiro é o mês da “lavagem de Itapuã” (as baianas lavam as escadas da Igreja com água de cheiro e as comemorações podem levar vários dias). Depois tem carnaval e o Malê Debalê nas ruas. São João é festivamente comemorado com comes, bebes, fogueiras e fogos. Principalmente os fogos de artifício, paixão de adultos e crianças.

A incorporação urbana de Itapuã se faz no quadro da modernização e expansão de Salvador a partir de meados da década passada, especialmente com a inauguração da Avenida Paralela – moderníssima, de autopistas, correndo paralela à orla, mas por trás, e ligando-se a rodovias que levam ao setor industrial de ponta (Camaçari, Pólo Petroquímico). Antigo local de pescadores – hoje em dia desaparecendo do cenário da orla, que se torna cada vez mais praia de lazer da burguesia – o bairro cresceu especialmente em torno dos morros que compõem os arredores da Lagoa do Abaeté. Na parte mais baixa, próxima ao mar, ainda estão a pequena igreja, o mercado onde se realizam as feiras. Itapuã, assim como as outras praias que a antecedem, como Amaralina e Pituba, não passava de um “local de veraneio” há algumas décadas. Só os pobres moravam em Itapuã enquanto a burguesia aí mantinha suas casas de férias (na verdade, veraneio é mais do que férias, desde que inclui os fins-de-semana e todas as inúmeras ocasiões que possibilitam uma rápida estada na praia, situada tão perto do centro de Salvador).

Conheci Itapuã em 1976, e a Lagoa do Abaeté ainda não se encontrava invadida por uma favela; hoje, com a vegetação bastante destruída, suas águas – onde um número crescente de pessoas lava roupa, toma banho e delas se utiliza para cozinhar – apresentam índices crescentes de contaminação. Dadas as condições de crescimento de Salvador – as precárias e miseráveis condições – em Itapuã, como na maior parte da cidade, crescimento demográfico é sinônimo de “favelização” do espaço geográfico.

Até muito recentemente, os veranistas de Itapuã consumiam produtos do mercado local e de algumas pequenas casas de comércio. No começo da década de 80, foi inaugu-

rado o primeiro supermercado, permitindo que a classe média, que começava a optar por viver definitivamente em Itapuã, encontrasse condições mais fáceis de consumo. A duplicação da estrada/avenida que une Itapuã ao aeroporto, inaugurada em 1985, veio a acelerar o processo de expulsão da população mais antiga (constituída por pescadores, artesãos e pequenos comerciantes) e o aburguesamento da orla, tanto no que se refere à construção de casas, condomínios, “vilas”, etc. para veraneio, quanto ao próprio processo de integração de Itapuã à expansão urbana da orla.

Pude acompanhar as transformações sofridas por Itapuã nesta última década, pois lá retornei várias vezes, fixando residência entre 1983 e 1985. Foi então que comecei a entender a lógica do bairro, suas pessoas, seus costumes, seus modos de vida. Itapuã, quando se vive nela, tem duas vidas bem diferentes: a que começa na segunda e termina na sexta – assim como todos os fins-de-semana em que não há sol – e a outra que é a dos fins-de-semana ensolarados e dos meses de férias de verão. Como a temperatura é sempre amena ou quente, a mudança das estações é marcada pelas chuvas: inverno é quando chove, segundo as crianças....

A minoria rica que mora em Itapuã é constituída principalmente de estrangeiros ou altos funcionários vindos de outros estados do País. A grande maioria das casas de luxo de Itapuã permanece fechada grande parte do ano, servindo exclusivamente de casa de “veraneio”. Os laços destes moradores com a vida e a população local são muito restritos: vão ao mercado comprar peixes, frutas e verduras e contratam empregados e empregadas. De resto, estão nas praias ou nas casas desfrutando dos privilégios de morar num lugar lindo e terem alto poder aquisitivo.

Nas subidas e encostas que cercam a Lagoa do Abaeté concentra-se a população mais pobre mas ainda proprietária de suas casas e de algum pequeno comércio. Assim durante a semana, Itapuã é um território de seus habitantes. As famílias são numerosas e as crianças pululam, brincando nas ruas pois tudo atrai para fora de casa, a começar por sua própria precariedade: tábuas ou tijolo fino, chão de terra ou cimento, muitas sem luz elétrica e quase todas sem fossa sanitária apropriada. Ruas sem calçamento, que desabam quando as chuvas começam e o terreno vira um mar de lama vermelha. Por toda a parte um jogue pastando; compras sendo carregadas em carrinho-de-mão; pessoas na rua exceto nas horas de muito calor.

Nas casas de classe média, o costume é sentar-se à porta ou na eventual varanda, com o controle sobre a rua e seu movimento. Nas praças, as roupas são postas para corar em cima da grama, crianças jogam bola, correm, algumas bicicletas, muita gritaria. Itapuã de dia é ruidosa. As pessoas escutam rádio muito alto, costuma-se colocar as caixas de som no jardim, não existindo nenhuma preocupação com as repercussões do ponto de vista dos outros.

As condições de trabalho refletem uma realidade em que a produção doméstica de bens e serviços sobrevive cada vez mais dos restos – isto é, da porção do mercado consumidor – do setor produtor industrial. O comércio reduz-se à revenda de produtos comprados no supermercado (e que a distância justifica um sobrepreço pago pelo

consumidor que é também vizinho) e a bens produzidos em casa, dos sorvetes à gama de produtos das “baianas” (acarajé, cocada, passarinha, etc.). Os “serviços” concernem tanto ao conserto de fogões e aparelhos domésticos quanto a pequenas mecânicas ou reparação de lataria; produção de bens e serviços voltados para os próprios pobres e para o público constituído de veranistas (serviços domésticos e alimentação).

Nas ruas populares a circulação humana é intensa, exceto às horas de sol forte, das 12 às 14 horas. Nos dias de atividade, crianças caminham para as escolas em grupos, vestidas de azul e calçadas, quando no cotidiano é costume as crianças colocarem apenas um calção, descalças e sem camisa, no caso dos meninos. Muita gente indo buscar o pão que, conjuntamente com um café aguado e açucarado, pode ser refeição da manhã e da noite, quando há dinheiro para comprá-lo, de preferência fresco, na nova panificadora inaugurada em 1984 que serve os habitantes do Alto da Cacimba, cenário de minhas observações.

Os fins-de-semana, especialmente os domingos, são dedicados à praia. No verão, vive-se um verdadeiro frenesi. As ruas enchem-se de pessoas carregando crianças, violões apetrechos de praia, e as praias ficam lotadas. As pessoas falam alto, ocupando as barracas em que se bebe muita cerveja e se come* caranguejo, entre outros “tira-gostos”. Vendedores de água de coco montados em jegues e, ao pé de cada barraca, uma baiana – a mulher que vende acarajé, peixe frito, cocadas e outras guloseimas afro-baianas. Figuras indispensáveis nas praias baianas. A vida nas barracas é um aspecto importante dos hábitos da cidade. As pessoas costumam freqüentar as mesmas barracas que, desta maneira, se tornam pontos de referência para eventuais encontros – “amanhã, a tal hora, na barraca do Antônio”. Barraqueiros que servem uma clientela diferenciada, segundo os trechos da orla marítima: a burguesia constituída por funcionários bem pagos do setor público e privado, reinando em Piatã; a alta burguesia e intelectuais de esquerda ocupam as praias perto da rua K; a esquerda comunista aprecia muito “Placafor” (a origem do nome tem a ver com um anúncio da Ford, a “placa da Ford” que virou “placafor” *tour-court*), e diante da “sereia” – monumento à entrada de Itapuã – concentra-se a massa popular, de origem negra e mais pobre.

No final da tarde, os carros enchem-se de brancos e os ônibus recebem principalmente uma população de negros e mulatos, deixando bem nítido os espaços ocupados pelas diferentes etnias em nossa sociedade de classes.

O entardecer traz a calma para a população local. As mulheres, crianças e homens que passaram o dia vendendo para os veranistas retornam às suas casas, muita gente se dirigindo para a Lagoa do Abaeté, no terreno reservado para os ensaios do grupo Malê Debalê, que duram praticamente o ano inteiro. Todo o bairro escuta os sons dos tambores e as vozes cantando o tema do próximo desfile, cujas referências mais freqüentes são à raça negra e aos valores africanos.

* Mais apropriado seria dizer “chupa” caranguejo.

As noites são amenas, céu estrelado, a famosa brisa de Itapuã balança os coqueiros, vagalumes e sons do Malê até dez da noite.

Às segundas-feiras o absenteísmo no trabalho é grande especialmente no verão.

FAMÍLIAS DE ITAPUÃ

A Pobreza

Vanda e Olga moram há cerca de vinte anos nas ribanceiras de Itapuã, perto da Lagoa do Abaeté. São “bainas”, isto é, usam suas roupas típicas nos fins-de-semana e vão vender seus acarajés, cocadas, peixes fritos, etc. nas praias próximas, caminhando até o local de trabalho com um cesto na cabeça, apetrechos na mão e algumas crianças para ajudarem no transporte destes equipamentos. Nos outros dias da semana trabalham como empregadas domésticas em casas de família, via de regra também situadas em Itapuã, pois a condução é precária e cara, tendo em vista o baixíssimo nível aquisitivo. Ambas moravam em casa de “taubuas”, acalentando o sonho de, pouco a pouco, irem construindo uma outra, de tijolos ou blocos, como muitos dos seus vizinhos, sempre levantando uma parede ou um novo andar, resultando naquela acanhada e semi-inacabada arquitetura típica de Salvador.

Ambas são chefes de família, não obstante Vanda manter o casamento, por união consensual, com um mesmo homem, pai de seus cinco filhos. Em 1984, que é o ano referência, Vanda tinha 28 anos, mãe de três meninas (respectivamente 12, 8 e 3 anos) e um menino de 11, que tem um defeito acentuado na perna. O marido, analfabeto, sofria de crises periódicas de depressão, permanecendo deitado num quarto da casa precária, com três cômodos minúsculos, banheiro fora de casa, sem luz elétrica. Não tinha carteira de trabalho, e Vanda tampouco, dado o baixo nível de profissionalização baiano, o que impedia a utilização do INPS para cuidado adequado ao filho que precisava ser operado o mais cedo possível.

Vanda é mulata clara, nascida e criada em Salvador, com uma breve experiência de trabalho industrial – foi operária por dois anos. Mãe adolescente aos 16 anos, tendo trabalhado desde pequena, como até hoje trabalha sua mãe, que passou a morar com ela em 1986. Possui o primário incompleto, passando a maior parte do tempo dedicada ao trabalho.

O café da manhã é minguaço – toma-se leite muito de vez em quando, a base da refeição sendo um café aguado e doce e pão, ou algum pirão de farinha. O consumo de proteínas é deficiente e as crianças bastante mirradas para a idade. Como as escassas roupas – meninos e homens muitas vezes usam apenas um calção de banho –, os utensílios domésticos são elementares – algumas panelas, um fogão – pois a dieta alimentar é pouco variada, com muitos farináceos.

No cotidiano as tarefas domésticas são bastante reduzidas, a não ser quando há crianças muito pequenas. Dadas as condições climáticas favoráveis, as crianças ficam a maior parte do tempo na rua, brincando. Por outro lado, trabalham cedo, ajudando a mãe. Esta rotina é muito parecida para todas as mulheres pobres de Itapuã, sendo ínfimo o número daquelas que trabalham só em casa: a grande maioria exerce algum tipo de atividade remunerada, relacionada ao “mercado informal”.

As condições de vida de Olga são bastante parecidas com as de Vanda; a diferença maior se dá na relação com os homens – o casamento único e monogâmico de Vanda *versus* os sucessivos companheiros estáveis de Olga, que teve seus primeiros filhos aos 14 anos. Olga é negra, como todos os seus filhos, os mais velhos, gêmeos, com 22 anos; a segunda com 18 anos e a mais jovem com 8 anos, companheira de brincueiros da filha da mesma idade de Vanda. Crianças criadas em Itapuã para quem “a cidade” assusta, desacostumadas a pegar ônibus.

As escolas públicas são deficientes e insuficientes. Algumas famílias optam pelo ensino “particular” – uma escola que não passa de uma sala, numa das casas pobres, em que uma jovem semi-letrada “ensina” crianças de idade variada. Estas “escolas” também existem para crianças de menos de 6 anos e sua qualidade e preços são igualmente baixos. Assim, um dos grandes divisores sociais reside exatamente na questão da educação infantil: só os pobres frequentam as deficientíssimas escolas públicas de Salvador.

Classes Médias

As três famílias de classe média foram escolhidas por um critério que combinou renda monetária e patrimônio, por um lado, e *status* social por outro. Assim, as famílias de Ana e de Paula desfrutavam, nos anos em questão, de rendimentos e modos de vida semelhantes mas com perspectivas de ascensão social diferentes. Ana, com 31 anos em 1983, é universitária, trabalhando no serviço público e muito bem relacionada socialmente dado que seu casamento “branqueou” sua descendência (ela, mulata clara), permitindo sua entrada numa roda social que lhe estaria vetada, não fosse pelas relações com a família de seu marido, que a deixou viúva jovem com dois filhos pequenos. Já Paula, paulista de origem, não tinha nenhuma habilitação profissional, tendo sido dona-de-casa em tempo exclusivo, cuidando da família desde seus 20 anos (ela estava com 41 em 1983). Casada com um operário altamente qualificado que a acolhera em Salvador justamente dadas as possibilidades de uma vida mais fácil e salário mais alto.

Graça, da mesma idade de sua amiga Ana, pertence a uma família numerosa, originária do interior baiano, em que uma mãe extremamente ambiciosa com relação ao futuro dos filhos, conseguiu transformá-los em profissionais liberais da maior competência, professores e pesquisadores, todos com títulos universitários. Médica, competente profissional, Graça, mãe de três filhos de, respectivamente, 7, 5 e 2 anos em 1983, separou-se do marido por iniciativa deste, que saiu de casa, sem que isto

competente profissional, Graça, mãe de três filhos de, respectivamente, 7, 5 e 2 anos em 1983, separou-se do marido por iniciativa deste, que saiu de casa, sem que isto significasse grandes alterações em seu cotidiano, organizado em função da presença de empregadas que assumiam todas as tarefas domésticas e parte das funções maternas. O marido de Graça, num comportamento típico de muitos homens de seu meio, também profissional liberal e militante político, parava pouco em casa, dadas as viagens realizadas por causa de seu trabalho. Muito ligada à sua família – diferentemente de seu marido que rompera com a dele – Graça dividia funções familiares – especialmente quanto à guarda das crianças e transporte para a escola – com irmãos que moravam perto. Ganhando bem, com uma casa de classe média alta para os padrões baianos, filhos nas melhores escolas, consumidora do Shopping Iguatemi (onde as outras mulheres, mesmo Paula e Ana pouco ou nunca punham os pés), Graça constitui uma representante condigna de uma geração de baianas que, através de sua competência profissional, passaram a desfrutar de um alto padrão de vida que independia das finanças do marido.

Em todos os casos a presença da díade mãe/filho(s) é a condição *sine qua non* para a constituição de algo que possa ser chamado de “família”, sendo raros os casos em que os homens assumem o cuidado exclusivo das crianças. Na verdade, sem a presença auxiliar de uma mulher – esposa, mãe, filha mais velha, empregada, etc. – não há vida familiar. Em outras palavras, as famílias organizam-se em torno das mulheres. Sem mulheres, via de regra, não há domesticidade que inclua crianças. O que, evidentemente, não implica que a presença masculina seja dispensável mas, sim, que ela, então, articula-se num sistema de prestações de serviços distintos daquilo que corresponderia, no modelo tradicional do marido provedor/mulher dona-de-casa, aos papéis masculinos.

FALANDO DA(S) IDENTIDADE(S)

Neste texto, o conceito de “identidade” corresponde à definição, de Lalande, de “identidade pessoal”: *caractère d'un individu, ou d'un être assimilable à cet égard à un individu dont on dit qu'il est 'le même' aux différents moments de son existence*” (7: 455). A questão, portanto, é saber o que faz o indivíduo “igual a si mesmo”.

Três sistemas de referência são tomados como “estruturantes”, do ponto de vista da construção da identidade feminina, vale dizer, que torna a “mulher idêntica à si mesma”. “Nós Mulheres, quem somos?”, eis uma pergunta chave do feminismo dos anos setenta. Esta é a *questão dos gêneros*. Anterior à divisão da sociedade em classe estão os territórios socialmente demarcados do “ser mulher” e do “ser homem” (a construção das diferenças a partir das características biológicas) imprimindo uma certa forma de organização social. As hierarquias próprias às nossas sociedades, oriundas da dinâmica da esfera da produção e distribuição das riquezas, definem os limites e as possibilidades de cada indivíduo. Seus horizontes materiais e espirituais – do campo da produção e consumo ao campo da criação teórica e artística. A *questão das classes sociais* e do poder

econômico – dos modos de viver e de pensar próprios a cada condição social. Finalmente, a *questão racial* – entendida como biologização das diferenças sociais através do critério étnico.

A Questão Étnica e os Gêneros

Em seu estudo sobre a imagem do negro na arte européia, Sachs (9) comenta que na antiguidade greco-romana o negro era representado sob forma mais ou menos caricatural, às vezes chegando a ser monstruoso. Mas que é só na Idade Média que o africano adquire importância capital como símbolo. “Como negro ele será assimilado à noite, ao mundo das trevas, às forças do mal” (9: 885). Posteriormente, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, os negros, vale dizer, a condição negra será representada na Europa por “um servidor exótico com uma indumentária bariolé servindo uma bebida inabitual – chá, café e chocolate”. Assim, o negro “volta a ser um símbolo, como na Idade Média, mas sobre um plano inferior e desprovido de espiritualidade” (9: 890).

As representações do negro como serviçal, bestial, pouco espiritual, próprio para serviços inferiores e outros preconceitos do gênero, são manifestações das concepções dos senhores sobre a natureza de seus escravos: a subordinação sexual da negra escrava metamorfoseando-se em maior sensualidade (temida e cobiçada) da raça negra; esta lógica da escravidão, que avilta o sujeito na medida em que o reduz à condição de coisa, transformando todas suas possibilidades de criação em atos de reprodução da subordinação. Não é só o fruto de parcela do trabalho que é expropriado: é o poder dispor sobre o corpo de outrem, sem contestações. Não há limites para o poder do senhor. Por mais que a racionalidade econômica indique que os escravos em sua grande maioria eram considerados e tratados como força de trabalho, a verdade é que a presença escrava no âmbito doméstico se faz em condições de promiscuidade de intimidade. A escrava não pode fugir aos caprichos do senhor ou da senhora e tem de desenvolver uma eficiente estratégia de vida para não se dar muito mal. A cama e a mesa também possibilitaram a emergência do poder feminino, sabe-se que muitas escravas chegaram a ter posição de donas da casa, mas, de todas as maneiras, a escravidão como instituição social vigente, como regra das relações de produção, ali estava para limitar a possível influência além dos muros da casa. Escravas produzindo, vendendo seus produtos, para lucro dos patrões. Affonso R. de Sant’Anna em *Canibalismo erótico na sociedade escravocrata* (10: 10), discute a questão das imagens de mulher na literatura romântica argumentando que “o texto romântico dramatiza o jogo entre a mulher esposável (branca) e a mulher comível (preta), recriando as regras de endogamia e da exogamia erótica-racial-econômica. Fixa-se o tópico da culinária amorosa onde a mulata cozinheira é comida do patrão”. Ele fala também do corpo da escrava como lugar do prazer masculino e como dote na ascensão social.

A escravidão desagrava o trabalho e a própria individualidade naquilo que ela tem de mais íntimo e esta ferida permanece aberta na sociedade baiana. Nos discursos masculinos

Coisa de escravo. Por isto, a visível sobrecarga laboral que pesa sobre as mulheres não lhes dignifica em nada a condição. São subalternas por se prestarem a este trabalho mal remunerado, cansativo. A ética do trabalho como chave da salvação aqui é piada.

A linguagem dos corpos também é bastante eloqüente. O futebol, a pesca e a dança são atividades masculinas que permitem unir o útil ao agradável. Os corpos masculinos são muito mais expostos, em geral um calção de banho é toda a indumentária, às vezes completada por camiseta. São os homens que desfilam nos afoxés, trios e blocos. São eles que se fantasiam, que saem em blocos enormes disfarçados de mulheres, caricaturas de putas, via de regra. Os travestis têm lugar de destaque em muitos blocos e trios, só a pretensão mais política dos afoxés – no seu culto e homenagem aos valores negros – é que impede uma maior “carnavalização” em seus desfiles.

Diferentemente do carnaval carioca, centrado no corpo das mulheres, especialmente as mulatas, na Bahia as mulheres são mero coadjuvantes, sem maior brilho. As imagens de mulher estão mais ligadas às mães-de-santo e baianas – mães religiosas e provedoras – do que à sexualidade.

Estes estudos levaram-me, então, à questão da herança cultural africana e da cultura afro-baiana de nossos dias. Estudiosos do tema, como Antônio Risério e o próprio Gilberto Gil, sabem que o processo de “africanização” dos carnavais e de outros rituais negros tem de ser pensado no interior deste movimento mais ou menos espontâneo, mas que permite a transformação do ressentimento gerado pela permanente situação de submissão e dependência na possibilidade de valorização de uma raça de guerreiros, de mulheres férteis, cores, ritmos e muita beleza (“já que o rei Zulu não pode andar nu, viva a batina do bispo Tutu”, canta Gilberto Gil). Os negros precisam criar outras imagens para representá-los além do espaço servil simbolizado pela escravidão. Mas, além de entender o sentido conscientizador e estruturante do “black is beautiful”, é preciso também dar conta da “brancanização” daquilo que, até uns 30 anos atrás, era visto como “ignorância, superstição”, etc: os deuses e tradições cosmogônicas dos afro-baianos. Digamos, pois, que a incorporação dos usos e costumes de origem africana se faz de maneira “desigual e combinada”, proliferam as mães-de-santo de cor branca; o espiritismo, na forma híbrida da umbanda, cada vez mais impõe seus princípios simplesmente porque, também para a maior parte da população baiana as práticas e figuras rituais africanas deixaram de ser integrantes do cotidiano – a ritualização da vida cotidiana através da religião, da música, etc. – passando a se constituir em “tradições”; em fragmentos do passado. As figuras e mitologias adaptam-se às contingências da chamada “realidade externa”, marcada pela pobreza, pela desvalorização social, pela crescente modernização, outro fragmento numa totalidade marcada pela presença de um serviço público obsoleto ou por uma massa de semi-proletários vivendo mal, parasitária do aparelho de estado – pensões, empregos nascidos da irracionalidade econômica imperante. Os intelectuais da esquerda baiana ocupam seus próprios espaços: barracas, mães-de-santo, barraquinhas em festejos públicos, seu barqueiro para a procissão do primeiro do ano; todos sabem quem é seu guia, “sou filho de Oxossi”, de “Ogum ou de

Oxalá”; prendem fitinhas do Bonfim no braço, repetindo gestos e práticas completamente dessacralizadas, tal qual a cerimônia do casamento ou o batismo na Igreja Católica. Impossível sacralizar o mundo da razão e do lucro: as tradições africanas podem pouco contra o computador. Cada vez são mais “tradições”.

Classes Sociais e Gêneros

Na Bahia, uma minoria branca – composta por cidadãos de várias faixas etárias – controla as fontes de riqueza, enquanto a maioria não-branca compartilha da pobreza.

A situação, entre os não-brancos também não é homogênea: a auto-classificação comprova uma infinidade de tons para definir o “negro” – do “azulzinho” ao “moreno”, passando pelo “retinto”. Os “pardos” da estatística, dependendo dos critérios, comporiam um mesmo universo étnico com os negros.

A minoria dominante comporta-se, enquanto mercado consumidor de bens e serviços (econômicos e culturais), segundo um padrão que se aproxima mais do modo de vida e de pensar de camadas médias e altas dos países capitalistas do que propriamente de uma “tradição brasileira”. Existe um maior grau de solidariedade dentro das diversas camadas que compõem a elite dominante, dado o fato de que poderosos interesses comuns os unem: da segurança dos condomínios onde desfrutam das belezas naturais de sua cidade até as escolas particulares onde seus filhos estudam. A divisão de classes é visível a partir da própria geografia – enormes favelas dominando as partes mais íngremes da cidade – com o predomínio branco nos bairros mais residenciais e ao longo da orla marítima. Ser pobre ou ser rico na Bahia é também questão de cor.

Assim, dizer preto e pobre é quase uma tautologia, daí que entre os pobres a homogeneidade seja muito grande, em termos de qualidade de vida. Ser mulher negra, por sua vez, define um horizonte profissional restrito, de menor qualificação e remuneração. Baianas, faxineiras, lavadoras de roupas, com prole mais numerosa, maior nível de analfabetismo: todas as estatísticas e indicadores sociais documentam aquilo que é visível aos olhos, fazendo parte da reprodução do cotidiano. Em outras palavras, eis aqui a questão das classes sociais na configuração da identidade feminina.

A “libertação feminina”, entendida como conquistas visando o maior conforto social das mulheres – libertação das amarras representadas por uma ideologia patriarcal e anti-capitalista, baseada em valores religiosos e de classe dominante – permanece uma possibilidade aberta para as mulheres cujas famílias de origem pertencem aos estratos de maior poder aquisitivo. Uniões abertas; novas opções sexo-afetivas e vida autônoma com relação à tutela masculina constituem, antes de mais nada, retratos das possibilidades vivenciais das camadas superiores da pirâmide social.

O domínio sobre o poder do Estado é a grande fonte de favorecimentos e de garantia de clientelas, pois é habitual a troca de postos públicos por prestações de serviços políticos pessoais. Em torno dos cargos e das “mordomias” articula-se uma complexa

políticos pessoais. Em torno dos cargos e das “mordomias” articula-se uma complexa rede envolvendo familiares, asseclas, compadres entre outros. Esta rede de favores estende-se pela política de favorecimento oficial (ou oficioso) a este ou aquele bloco ou afoxé, a este ou aquele terreiro, etc. Antônio Carlos Magalhães, melhor representante do nepotismo baiano, aumentou o número de dias dedicados ao carnaval, é devoto declarado de Menininha do Gantois. As grandes transformações urbanas, com a consecução da avenida paralela, moderna rodovia que corta Salvador de Leste a Oeste, a própria construção do Shopping Center Iguatemi e do Centro Empresarial são contemporâneas à sua carreira política como prefeito de Salvador e governador do Estado.

Neste sentido, a rapidez com que a expansão urbana – e mais especificamente a especulação imobiliária – transforma a fisionomia de Itapuã, realocando espaços e moradores, só pode ser entendida com referência a este processo de modernização que constrói uma metrópole no meio de uma cidade de população paupérrima. Salvador vive as contradições de ser a mais velha capital do País e a de mais intensa concentração de população de origem escrava. Esta especificidade tem sido pouco estudada apesar da cidade viver todo o tempo a complexa herança de uma população trazida à força de outro continente. É o que chamo de passado colonial e que aparece de maneiras muito sutis nas regras de convivência diária. Uma minoria de todo-poderosos e uma maioria de sem direitos. Estes extremos hierárquicos transformam todas as questões ligadas à cidadania em problemas de classes e cor: os negros e pobres (quase uma tautologia), majoritários e os ricos brancos minoritários. E, nunca é pouco enfatizar, a esta realidade se agregam as relações de gênero, distinguindo o espaço social e as representações sobre a mulher branca daqueles que são reservados à negra. Esta, pois, é outra das questões que permeiam toda a pesquisa.

EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

A mudança nos papéis femininos implica, imediatamente, alterações nas suas responsabilidades domésticas, como já fizemos referência. A saída da mulher abre o espaço para a demanda de creches, babás, etc. e a pressão pela estatização dos serviços domésticos. Estes são os temas que emergem do próprio processo de produção da pesquisa: os novos papéis sociais, as transformações ocorridas nas classes médias urbanas do ponto de vista da vida pessoal e familiar; o impacto da modernização e da aceleração do modo de vida urbano-industrial e, no caso da Bahia, a questão étnica pensada enquanto questão social fundamentalmente. Cada um destes temas levou-me à procura de uma bibliografia mais especializada, tanto do ponto de vista dos trabalhos de orientação psicanalítica quanto do das pesquisas e estudos voltados para a realidade urbana do País. Ao pesquisar numa cidade de minoria branca e de forte presença de um contingente populacional de origem africana, pude, como já fiz menção anteriormente, perceber a importância da tríplice ótica: a sexual, a social e a cultural, para usar a fórmula mais

(as relações de classe); aos papéis sexuais (as relações de gênero) e ao espaço ocupado por cada uma das etnias constitutivas do povo brasileiro (as relações étnicas). Enfim falamos de *ethos*. Valores sociais e representações que constituem as ideologias – ou o imaginário social – de uma dada sociedade.

Sabemos que a espécie humana foi aquela que demonstrou maior capacidade em relativizar os imperativos da natureza e suas leis, tais como a sobrevivência dos mais aptos, através do desenvolvimento das forças produtivas e da massa de bens e serviços materiais e simbólicos colocados à disposição da sociedade. A humanidade viveu a experiência da passagem de uma ordem “em si mesma” para uma ordem “para si”, ampliando seu domínio sobre o resto do mundo animal através da transformação de suas condições ambientais.

Assim, as generalizações sobre as relações entre os gêneros são incompetentes para esclarecer justamente por que cada agrupamento humano vivencia e representa de maneira diferente as relações entre os dois sexos. A historicidade do casal humano está relacionada a esta plasticidade sexual, fazendo com que as diferenças existentes do ponto de vista da esfera da reprodução biológica – as funções sexuais masculinas e femininas – sejam representadas, categorizadas e vividas de maneira própria por cada agrupamento social. Existem infindas distinções entre o ser humano e o ser mulher (indivíduos portadores da genitália masculina ou feminina como “suporte” de dadas representações) nas variadas formas de organização em que os humanos vem produzindo e se reproduzindo.

Na própria medida em que a ordem social significa valores e normas, o ser homem e o ser mulher vão possibilitar conteúdos e espaços específicos segundo o grau de especialização de cada um dos dois gêneros. Não se trata simplesmente da divisão do trabalho mas das hierarquias que se estabelecem através da organização produtiva e das práticas reprodutivas. O tempo de socialização para a passagem de situação de filho(a) para a de pai(mãe) varia, pois, em cada sociedade. Por um lado, assumir funções parentais implica um processo de amadurecimento envolvido no próprio desempenho das novas funções. Este desempenho, por sua vez, está condicionado pelo grau de solidariedade e apoio que os novos pais podem contar no seu meio social.

Em nossa sociedade, maternidade e paternidade são, antes de mais nada, relações afetivas “estruturantes”. Em outras palavras, a dependência das crianças relativamente aos adultos, especialmente seus pais, faz com que os primeiros anos de vida sejam determinantes no sentido de definir padrões de estruturação psíquica. Através do contacto com os pais – com a mãe fundamentalmente – a criança faz sua entrada no universo simbólico, em sua cultura. Porém, frente às diferentes circunstâncias que envolvem a gravidez, muitas poderão ser as emoções e reações provocadas na mãe. Digamos que a relação mãe/filho encerra uma ambiguidade constante mas que, em cada caso, um certo padrão afetivo prevalecerá: amor/aceitação ou desafeto/rejeição. Existem crianças que são principalmente amadas e outras que crescem na vivência oposta. Desta maneira, as categorias mais importantes para a análise desta questão concernem à esfera das emoções,

do afeto. Todo o ser humano, para o adequado desenvolvimento de suas potencialidades, precisa de cuidados e afetos, especialmente nos seus primeiros anos de vida.

O recém-nascido depende do universo adulto para sobreviver, em qualquer sociedade e tempo histórico. Como esta necessidade será satisfeita é uma questão sobre a qual não há como hesitar, pois dela depende a sobrevivência do *infans*. Em outras palavras, “alguém” ocupar-se-á dele. E toda a generalidade termina aí, pois cada sociedade cuidará da sua infância de um determinado modo, coerente com outras esferas da vida coletiva, especialmente a divisão social do trabalho.

Nas sociedades de classes, as famílias desincumbem-se dessa tarefa sob situações muito diversas e, em muitos casos, encontram-se totalmente desprovidas de condições mínimas para o cuidado das novas gerações. No caso brasileiro, não existe um serviço amplo de assistência social que dê conta dessas situações de desamparo, diferentemente das democracias nórdicas e até mesmo dos Estados Unidos, em alguns aspectos.

Assim, o desejo de ficar grávida, de ter filhos, de casar, é único e insubstituível, mas existem formas variadas de manifestação deste desejo e suas inúmeras relações com a história de vida de cada mulher. Pois o desejo, antes de mais nada, é o reconhecimento de uma carência – de algo que não se tem e se quer – e, nesta medida, traz embutido uma expectativa de apaziguamento, de se estar pleno, uma vez o desejo satisfeito. Neste sentido, existe uma projeção, em outras palavras, a possibilidade de se atribuir a um objeto a satisfação de algo que talvez não seja ele. Existem mães vorazes com os filhos, eternas insatisfeitas que vivem a fantasia de que o filho(a) vai realizar seus sonhos e viver suas utopias.

A qualidade da relação mãe-filho vai depender, portanto, do lugar que a mãe (uma mulher concreta, com suas qualidades e defeitos) oferece para este filho, tanto subjetivamente (em termos de espaço afetivo) quanto objetivamente, em termos das condições materiais de existência. O filho amado de uma família abastada estará mais instrumentado para sobreviver em nossa sociedade capitalista do que o filho amado de pobres lavradores. A realidade externa, entendida como condições materiais de existência, abre um leque menor ou maior de perspectivas para cada um, segundo sua origem social. Neste sentido, o estudo da identidade feminina, enquanto construída a partir de papéis e vivências distintas, remete ao mesmo tempo para uma problemática que é subjetiva (psíquica) e outra que é “social”, historicamente determinada.

QUARTIM DE MORAES, M. L. – *Avatars of female identity*. *Perspectivas*, São Paulo, 12/13: 163-179, 1989/90.

ABSTRACT: *This project came to be due to the will to go on, to research in the very true sense of the word, to propose, as object of study and further thinking, new and or little analysed as aspects of familial relationships and of the making of a "male" or "female" identity in everyday life. This research tries to put on the space of familial relationships the speech of men and the conversation of children, since it is stimulated by the presence of similar perspectives and by a growing literature about experiences and performances related to the structuration of female identity through parties, moments of break or loss, etc.*

KEY-WORDS: *Female identity; relationship between man and woman; ethnic question; social classes.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AULAGNIER, P. – *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1979.
2. BEAUVOIR, S. – Entrevista concedida a Alice Jardine. *Signs. J. of Women, Culture and Society*, 5 (2), 1979.
3. BLEICHMAR, H. B. – *La depresión: un estudio psicoanalítico*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1982.
4. BRITO, A. & MACHADO NETO, Z. – Tempo de mulher, tempo de trabalho entre mulheres proletárias em Salvador. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, Friburgo, 1982. (Apresentado no Grupo de Trabalho "Mulher na Força de Trabalho").
5. BRUSCHINI, C. & CAVASIN, S. – *O cotidiano em famílias urbanas: trabalho doméstico, distribuição de papéis e uso do tempo*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1983.
6. FREUD, S. – *Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972. v. 3.
7. LALANDE, A. – *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris, PUF, 1956.
8. NIN, A. – *Journal*. Paris, Stock, 1977.
9. SACHS, I. – *Annales*, 4, 1969.
10. SANT'ANNA, A. R. – Canibalismo erótico na sociedade escravocrata. *Rev. do Brasil*, 1 (1): 10, 1984.
11. SARTI, C. – Cotidiano feminino, lugar dos outros. *In: ENCONTRO ANUAL DE ANPOCS*, São Paulo, 1983. (Apresentado ao grupo de Trabalho "Família e Sociedade")